

O Reitor-Mor
Homilia na Abertura do Ano Acadêmico 2015-2016
Universidade Pontifícia Salesiana - UPS
Roma, 21.10.2015

Caríssimos irmãos e irmãs membros da Universidade,
caríssimos amigos do corpo diplomático junto à Santa Sé,
caríssimos todos,

é este dia, mais uma vez – em nossa vida institucional, acadêmica, pessoal – uma boa ocasião para juntos pedirmos o Dom do Espírito Santo. O Dom do Espírito é, a partir do primeiro dia de Pentecostes, um dom que se pede juntos, como Comunidade de crentes, com o coração cheio da presença do Ressuscitado e em comunhão com Maria, Mãe de Jesus e Mãe da Igreja.

Ouvimos na Primeira Leitura como Paulo procura fazer compreender à Comunidade de Corinto o novo horizonte de compreensão cristã acerca dos dons que Deus oferece aos Seus, no Espírito. O Apóstolo elenca assim alguns opostos convergentes, porque em Deus a diversidade se faz unidade:

- diversidade de **carismas**, mas um só **Espírito**;
- diversidade de **ministérios**, mas um só **Senhor**;
- diversidade de **operações**, mas um só **Deus** que tudo opera em todos.¹

O humano carrega em si a diversidade, também porque é reflexo da diversidade divina. E Deus manifesta sempre a sua unidade essencial, uma unidade que faz convergir em comunhão horizontal e vertical a diversidade do humano, diversidade que nos abre à compreensão e à experiência da unidade em Deus! Um só Espírito, um só Senhor; um só Deus que opera tudo em todos.

Quis, faz um ano, por ocasião do início do Ano Acadêmico, sublinhar essa dinâmica de diversidade e convergência em Deus. Dizia-vos: “... a presença do Espírito garante sempre que uma multiculturalidade de fato, como a nossa aqui na UPS se torne uma verdadeira interculturalidade, e permita viver uma experiência aprofundada e respeitosa de internacionalidade [...]; que a diversidade – o outro – não seja obstáculo, mas um fio cuidado e valorizado, com urdir a trama do tecido comum”. Pouco tempo faz, enviou-me um coirmão um texto de John Henry Newman, que gostava de chamar a universidade “sede do saber universal”. Eis pois uma sede. Mais: um entretecido de saberes e ciências, que mostram também aqui a unidade na diversidade.

Num seu “Discurso universitário”, o quinto, Newman diz: a Universidade é “um agregado de homens cultos, zelosos das suas ciências, e mutuamente rivais, levados, por relacionamentos familiares e no interesse da paz intelectual, a adaptar os direitos e as relações dos respectivos objetos de pesquisa. Eles aprendem a mutuamente respeitar-se, consultar-se, ajudar-se. Cria-se assim um ar de pensamento puro e límpido, respirado também pelo aluno”.

Quem pode garantir este “ar de pensamento puro e límpido”? Só Deus, o único Espírito, o único Senhor, que unifica os carismas, os ministérios, as operações. Como diz Paulo, “a cada um se concede u’ a manifestação particular do Espírito para a utilidade comum...” (v. 7).

¹ 1Cor 12,3-7.12-13; Sal 103; Gv 7,37-39

Esta unidade na diversidade não obscurece absolutamente o todo. A diversidade e a autonomia de cada um e das diferentes unidades, como podem ser os diversos institutos e faculdades, dão sentido, corpo, pertença a todos e a tudo. Não se trata pois de uma autonomia como fim, mas de uma autonomia como meio necessário, para chegar à construção comum e à comunhão do saber. A vossa missão intelectual requer uma “autonomia como meio” que possa entretecer-se, pacientemente e juntos, para dar corpo à nossa Universidade; e, também como Universidade, estar disponível ao tecido comum da Congregação, da Igreja, da Sociedade civil e das culturas: de todas se faz serva. Pode-se assim caminhar para alcançar os objetivos da Universidade como “sede do saber universal”. A ser assim, também a nossa comunidade universitária pode compartilhar da missão universal da Igreja, que, como corpo místico do Senhor Jesus, ajuda a humanidade a caminhar para Ele e a beber – porque participe, no Senhor – daquela Fonte da qual irrompem rios de água viva.

Por último, convido-vos, como o fez o P. Egídio Viganó na homilia para a abertura do novo ano acadêmico do 1984, “a considerar e a zelar, em vosso trabalho universitário, pela vantagem de serdes «crentes». Desejo que sejais – cotidiana e profundamente – «crentes». Assim o Espírito vos tornará:

- **humildes**, no entrosar-se sinceramente com as exigências do real, no âmbito restrito de cada uma das disciplinas. Um universitário soberbo, atenta, ainda que inconscientemente, contra a mesma objetividade e limitação da sua ciência;
- **dialogadores** na procura, na busca de um contínuo, vivo, intercâmbio com as outras disciplinas [e com os outros especialistas universitários]. Um estudioso ocluso em sua própria especialidade perde o sentido do todo, e priva o diálogo universitário de válidas contribuições de pesquisa;
- **sapientes** no confluir as conquistas das ciências para aquele tipo superior e englobante de conhecimento que se chama sapiência;
- **espirituais**, (...) como filhos inteligentes (do Pai), os quais encontram na ciência um início de oração, uma prelúdio de contemplação, um convite a conversação com Deus.

Sim, o Espírito Santo faça desta Universidade uma grande comunidade de estudiosos crentes, que saibam celebrar cada dia, vitalmente, **uma peculiar liturgia da inteligência**”².

É de coração que desejo sublinhar estas belas e claras palavras de P. Viganó, enquanto nos confiamos a Maria, Sede da Saedoria e Auxílio do Povo de Deus. Ela vos acompanhe em vosso trabalho de estudo, de pesquisa, de partilha intelectual e de diálogo cotidiano, buscando sempre a Verdade, a Beleza e a Bondade deste mundo, ferido pela falta de fraternidade tanto entre os povos quanto entre as pessoas.

Ela, Mãe da Igreja, nos ajude a obter os dons preciosos do Espírito, para ser cada vez mais humildes, dialogadores, sapientes, espirituais.

² Egídio Viganò, “Omelia per l’inaugurazione del nuovo anno accademico 1984”, en Egídio Viganò all’università salesiana, UPS Roma 1996, pp. 119- 120.